

Contributos para o estudo das modalidades de construção do espaço das “estruturas de planta em osso” e sub-retangulares alongadas

Lídia Baptista* e Sérgio Gomes**

Resumo:

Este artigo versa sobre um tipo de estruturas em negativo: as estruturas de planta em osso e sub-retangulares alongadas. Tal tipo de estrutura tem vindo a ser descoberto em diversas estações pré-históricas do Alentejo, parecendo constituir um importante dispositivo arquitetónico na construção da paisagem da Pré-história recente da região. Considerando a sua importância, analisamos um conjunto de estruturas, por nós intervencionado, para procedermos a uma sistematização das principais características dos seus contextos de ocorrência e, assim, contribuir para o seu estudo.

Abstract:

In this paper we focus on a type of negative structures: the bone shaped structures. This type of structure has been discovered in several prehistoric sites at Alentejo and it seems to be an important architectural device in the construction of the Late Prehistory landscape of the region. Considering its importance, we present a group of structures dug by us, in order to contribute to the study and understanding of such features

* *Arqueologia & Património Lda., FLUP, CEAUCP – CAM*

** *Arqueologia & Património Lda., CEAUCP – CAM*



INTRODUÇÃO

As estruturas em análise apresentam plantas de morfologia semelhante à de um “osso”, ou seja, são compostas por dois módulos de planta oval articulados por uma área de planta sub-retangular. Para além das estruturas que apresentam esta planta, nesta análise consideramos também um grupo de estruturas que apresentam plantas sub-retangulares alongadas que, por vezes, apresentam alguma sinuosidade no seu eixo maior. Apesar de morfologicamente distintas, este dois grupos de estruturas parecem constituir um grupo maior, distintos das estruturas tipo “fossa”, ou “valados”, por exemplo. Este tipo de estruturas tem sido identificado no interior alentejano, principalmente em trabalhos arqueológicos promovidos pela *EDIA, S.A.* no âmbito da execução de diferentes projetos relacionados com redes de rega. O estudo que aqui se apresenta encontra-se numa fase embrionária, correspondendo a uma tentativa de sintetizar um conjunto de aspetos que nos parecem relevantes para o seu conhecimento e problematização. Começamos por prestar atenção a estas estruturas durante os nossos trabalhos desenvolvidos no âmbito da minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé (Baptista e Gomes 2012a). Nestes trabalhos foram intervencionadas várias estações da Pré-história Recente onde tais estruturas ocorriam ao lado de estruturas em negativo tipo “fossa” e hipogeus. No caso de Montinhos 6 e Santo Estêvão 1 foram identificadas áreas de concentração em que estas estruturas se encontravam organizadas; estes dois casos, alertaram-nos para a importância destas estruturas enquanto um dispositivo arquitetónico que parece comportar uma forma específica de delimitação espacial.

Considerando, então, a importância deste tipo de estruturas para o conhecimento das práticas arquitetónicas da Pré-história Recente do interior alentejano, neste artigo iremos proceder à apresentação dos resultados de dois estudos que

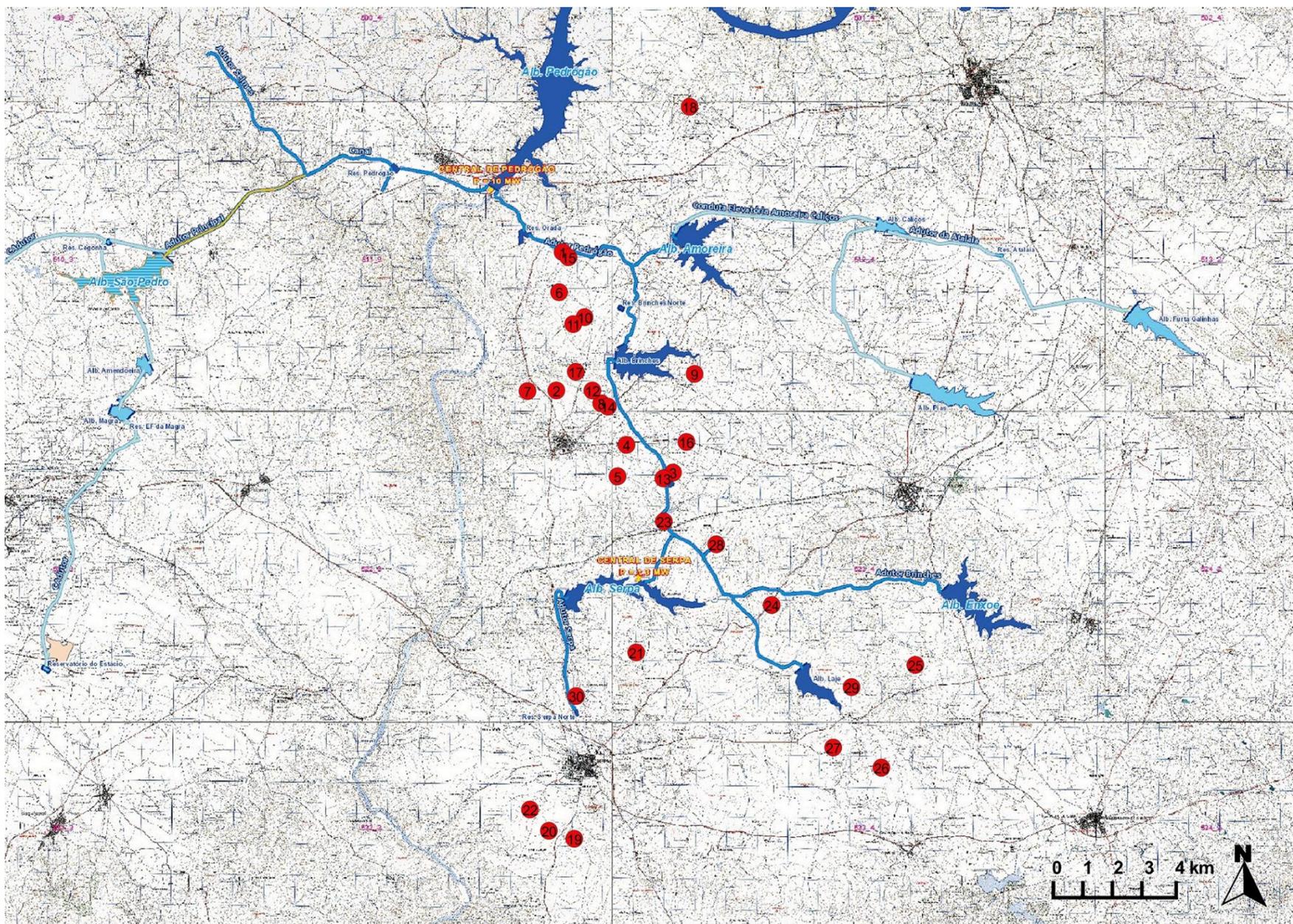


Fig. 1. — Estações do concelho de Serpa que apresentam estruturas de planta em “osso” e sub-retangulares alongadas

nº Mapa	Estação	Projeto EDIA S.A.	Referência Bibliográfica
1	Covas 1	BR Brinches	Santos 2011c
2	Ribeira de São Domingos 1	BR Brinches	Miguel 2011a
3	Monte Gato de Cima 3	BR Brinches	Filipe 2011b
4	Horta de Quarteirões 1	BR Brinches	Santos 2011a
5	Horta do Lameiral 4	BR Brinches	Calvo 2011a
6	Zambuqueira 1	BR Brinches	Miguel 2011b
7	Várzea de Cima 2	BR Brinches	Miguel 2011c
8	Monte Novo 2	BR Brinches	Miguel 2011e
9	Ourém 7	BR Brinches	Filipe 2011d
10	Monte da Magoita 1	BR Brinches	Calvo 2011c
11	Monte de Cortes 2	BR Brinches	Calvo 2011b
12	Monte Novo 1	BR Brinches	Miguel 2011d
13	Outeiro Alto 2	BR Brinches	Ribeiro 2011
14	Monte Velho 1	BR Brinches	Filipe 2011c
15	Magoita	BR Brinches	Santos 2011b
16	Gato Cima	BR Brinches	Filipe 2011a
17	Ribeira de Pias 2	BR Brinches	Moro Berraquero 2011
18	Quinta João Privado	BR Orada-Amoreira	Ferreira <i>et al.</i> 2009
19	Fonte da Baina 1	BR Serpa	Ribeiro 2009a
20	Fonte da Baina 5	BR Serpa	Ribeiro 2009b
21	Monte das Arouchas	BR Serpa	Piedade 2009
22	Estacarias	BR Serpa	Ponte 2009
23	Corte do Poço 1	Adutor Brinches-Enxoé	Baptista e Gomes 2010b
24	Escalfa Cães 1	BR Brinches-Enxoé	Baptista <i>et al.</i> 2010
25	Malhada de Carrapatelo 1	BR Brinches-Enxoé	Cunha <i>et al.</i> 2010b
26	Folha da Vereda 1	BR Brinches-Enxoé	Cunha <i>et al.</i> 2010a
27	Monte da Laje	BR Brinches-Enxoé	Baptista e Gomes 2010a
28	Montinhos 6	BR Brinches-Enxoé	Baptista e Gomes 2011
29	Sto. Estevão 1	BR Brinches-Enxoé	Baptista e Gomes 2012b
30	Alto de Brinches 3	Reservatório de Serpa	Alves <i>et al.</i> 2009

Tabela 1.— Estações pré-históricas do concelho de Serpa onde ocorrem estruturas de planta em “osso” e sub-rectangulares alongadas (ver Fig. 1)

desenvolvemos com este propósito. No Ponto 1, apresentamos os resultados de um inventário das estações que apresentam estas estruturas no concelho de Serpa, no sentido de, por um lado, demonstrar que estamos a tratar de uma realidade frequente no âmbito das estações pré-históricas e, por outro lado, caracterizar sumariamente o modo como ocorrem estas estruturas. No Ponto 2, partindo da nossa experiência com este tipo de estruturas nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Brinches-Enxoé e de Ervidel e dos Circuitos Hidráulicos de Pedrógão e de Vale do Gaio (Fase de Obra), iremos apresentar: a) os resultados de uma primeira tentativa de categorização morfológica das estruturas; b) uma caracterização do tipo de enchimentos que apresentam.

1. ESTRUTURAS EM NEGATIVO DE “PLANTA EM OSSO” E SUB-RETANGULARES ALONGADAS NO CONCELHO DE SERPA

O inventário aqui apresentado foi realizado com base na consulta dos Relatórios das intervenções arqueológicas realizadas no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Adutor Brinches-Enxoé, dos Blocos de Rega de Brinches, Brinches-Enxoé, Orada-Moreira e Serpa e do Reservatório de Serpa (Fig. 1, Tabela 1). Nestes trabalhos foram identificadas 30 estações onde está presente este tipo de estruturas. Nestas estações, as estruturas apresentam uma frequência de ocorrência distinta, apresentando também diferentes distribuições espaciais e sequências de enchimento.

Como é sabido, a leitura que estes trabalhos de arqueologia preventiva fornecem encontra-se, necessariamente, condicionado às áreas de afetação dos projetos. Deste modo, ensaiar uma categorização de prováveis cenários de ocorrência deste tipo de estruturas com base nos dados disponíveis implicaria um exercício



Fig. 2.— Santo Estêvão 1, vista geral da área de concentração das estruturas

de revisão que está fora dos objetivos deste trabalho. Porém, no caso das estações intervencionadas no Bloco de Rega de Brinches-Enxoé, dado que foram intervencionadas por nós, permite-nos uma maior segurança na definição do modo como ocorrem estas estruturas, oferecendo um conjunto de casos que nos permite ilustrar a variabilidade identificada. Vejamos, então, o modo como ocorrem estas estruturas no Bloco de Rega de Brinches-Enxoé.

Nos casos das intervenções nas estações de Escalfa Cães 1, Malhada do Carrapateiro 1, Folha da Vereda 1 e Monte da Laje as áreas postas a descoberto decorrem da abertura de uma vala de implantação de uma conduta, ou seja, trata-se de um corredor, com cerca de 2 a 4 m de largura, que permite uma observação direta do subsolo ao longo de uma extensa área linear. Estamos, então, perante uma área de afetação que, apesar de proporcionar uma análise da distribuição das estruturas numa extensão de terreno ampla, se encontra condicionada à largura do corredor. Considerando estes constrangimentos, é de salientar que em cada uma das estações apenas ocorreu uma estrutura¹, sugerindo tratar-se de ocorrências isoladas. Este carácter “isolado” parece constituir um dos cenários possíveis de ocorrência deste tipo de estruturas, ou seja, nestas estações ocorreu apenas uma estrutura com esta morfologia, podendo inserir-se, como é caso de Monte da Laje, numa área de dispersão de estruturas em negativo tipo “fossa”.

Em Santo Estêvão 1, a área de intervenção foi idêntica à descrita no parágrafo anterior. Porém, foi identificado um grupo de estruturas alinhadas², com orientação NO-SE, que formavam dois corredores paralelos, encontrando-se mais uma estrutura, a SE do primeiro alinhamento, com uma orientação contrária às dos alinhamentos (Figs. 2 e 3). Esta concentração e organização espacial das estruturas corresponde ao segundo cenário de ocorrência identificado neste grupo de estações³. Neste caso corresponde, então, a um grupo de estruturas cuja distribuição espacial sugere tratar-se do uso das estruturas enquanto módulos numa delimitação espacial que parece definir corredores

1. No caso do Monte da Laje, foram contabilizadas 2 estruturas que se encontram distantes entre si. Contudo, a estrutura da sondagem nº 1 levanta algumas dúvidas e a sua inclusão deverá ser encarada com reservas.

2. Parte da concentração das estruturas foi intervencionada pela equipa responsável pelo acompanhamento arqueológico da empreitada.

3. Também no sítio Horta de João Lopes (Selmes, Vidigueira), fora da área geográfica em análise, se identificou uma situação de concentração de estruturas formando corredores paralelos (Figueiredo 2012).

entre as estruturas. É de salientar que em Santo Estêvão 1 estas estruturas ocorrem em associação a outras estruturas em negativo de morfologia distinta, nomeadamente, estruturas tipo “fossa”.

A área de intervenção realizada em Montinhos 6 é diferente da efetuada nas outras estações. Com efeito, o projeto do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé tinha projetado a construção de um reservatório que implicava trabalhos de escavação numa área correspondente a duas pequenas colinas. O acompanhamento desses trabalhos permitiu verificar que tais colinas apresentavam mais de duas centenas de estruturas em negativo, cujo estudo permitiu a identificação de contextos que ilustram a ocupação da área desde a Pré-história Recente até à Antiguidade Tardia. Tendo em conta a amplitude da área afetada, Montinhos 6 apresenta-se como um caso que reúne as condições necessárias para ilustrar o modo ocorrem as estruturas em análise. Assim, observando a distribuição espacial destas estruturas em Montinhos 6 (Fig. 4), é possível constatar que as estruturas ocorrem tanto isoladas (num cenário idêntico ao descrito para Escalfa Cães 1, Malhada do Carrapatelo 1, Folha da Vereda 1 e Monte da Laje) como em concentrações distribuídas em alinhamentos (como no caso de Santo Estêvão 1). Em Montinhos 6 as estruturas apresentam-se, deste modo, em dois cenários distintos:

1) Estruturas isoladas: uma localizada na extremidade NO da colina NE; uma localizada na vertente SE da colina NE; uma localizada na vertente SO da colina SO ; duas localizadas na vertente Este da colina SO; e um outra isolada na área mais baixa entre as duas colinas.

2) Numa concentração, constituída por 51 estruturas, localizada na área central do topo da colina NE.

Na concentração (Figs. 5 e 6), a distribuição e a relação entre as estruturas permite-nos reconhecer este conjunto de estruturas enquanto forma de delimitação de uma “unidade espacial/arquitetónica”, tal como no caso de Santo

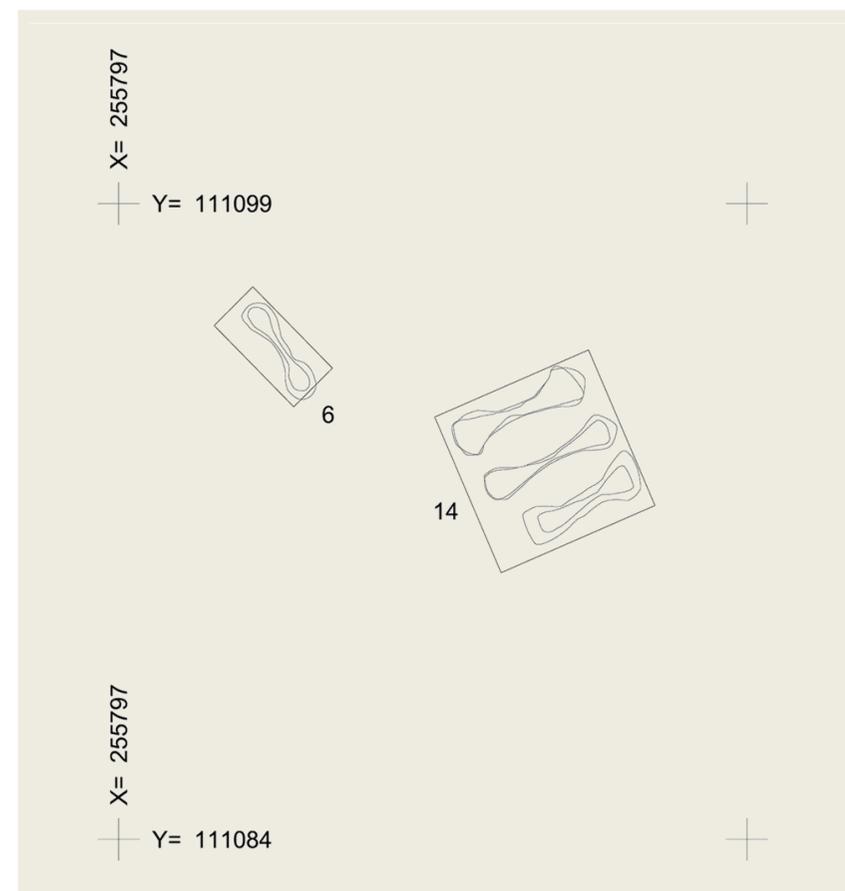


Fig. 3.— Santo Estêvão 1, planta da concentração das estruturas (apenas estão representadas as estruturas intervencionadas pela equipa da Arqueologia e Património Lda.)

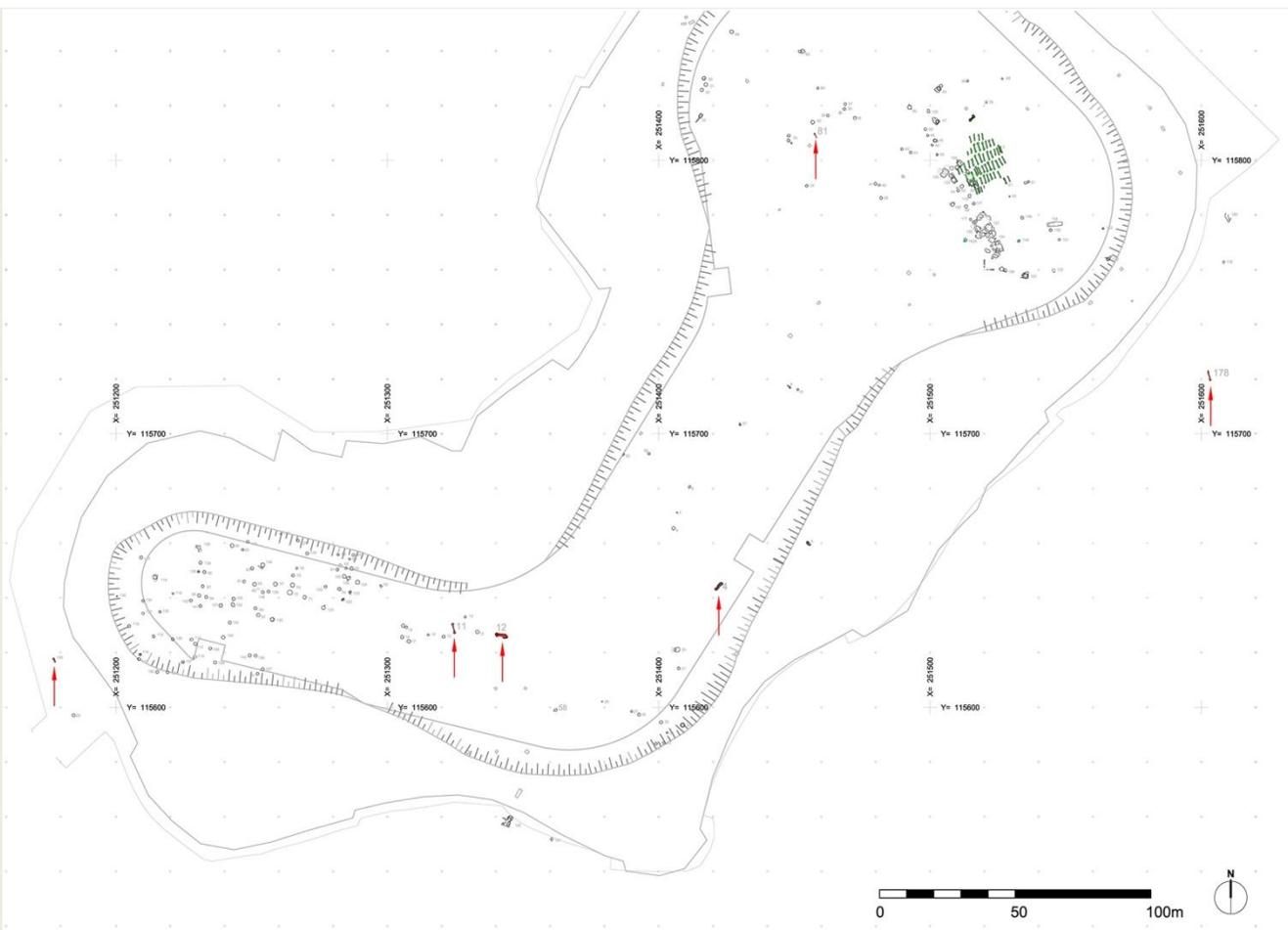


Fig. 4.— Montinhos 6, Planta Geral da Intervenção (a vermelho encontram-se assinaladas as estruturas de planta em “osso” isoladas e a verde a concentração)

Estêvão 1. Esta “unidade” apresenta uma planta poligonal (semelhante a um pentágono) cujo eixo NO-SE apresenta c. 27 m e o eixo SO-NE c. 18 m. As estruturas encontram-se distribuídas em sete linhas paralelas com uma orientação SO-NE; nessas linhas, os eixos maiores das estruturas apresentam-se orientados a NO-SE, à exceção da estrutura que ocorre na extremidade NO que apresenta



Fig. 5. — Montinhos 6, vista geral da área de concentração de estruturas de planta em 'osso'.

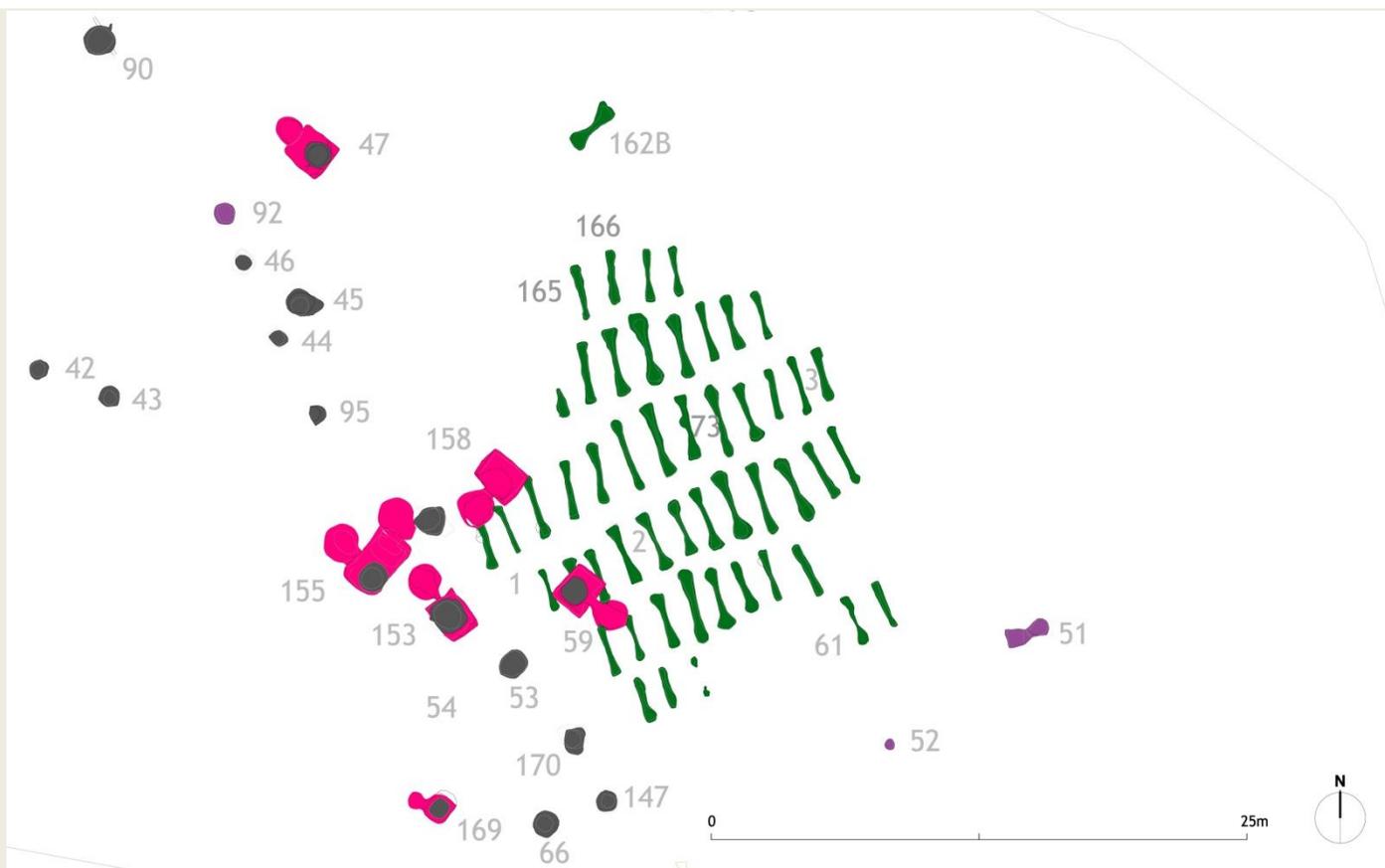


Fig. 6.— Montinhos 6, Planta Geral da área de concentração de estruturas de planta em “osso”

uma orientação SO-NE (ou seja, perpendicular às restantes); considerando a estrutura da extremidade NO a primeira linha, nas restantes linhas ocorre o seguinte número de estruturas: 4, 8, 13, 12, 8 e 4; quando observamos a relação entre a disposição das estruturas entre as linhas, existe uma alternância na sua localização; na linha 7, ao contrário do que acontece nas restantes, as estruturas apresentam-se distribuídas em grupos de duas localizados nas extremidades da linha anterior.

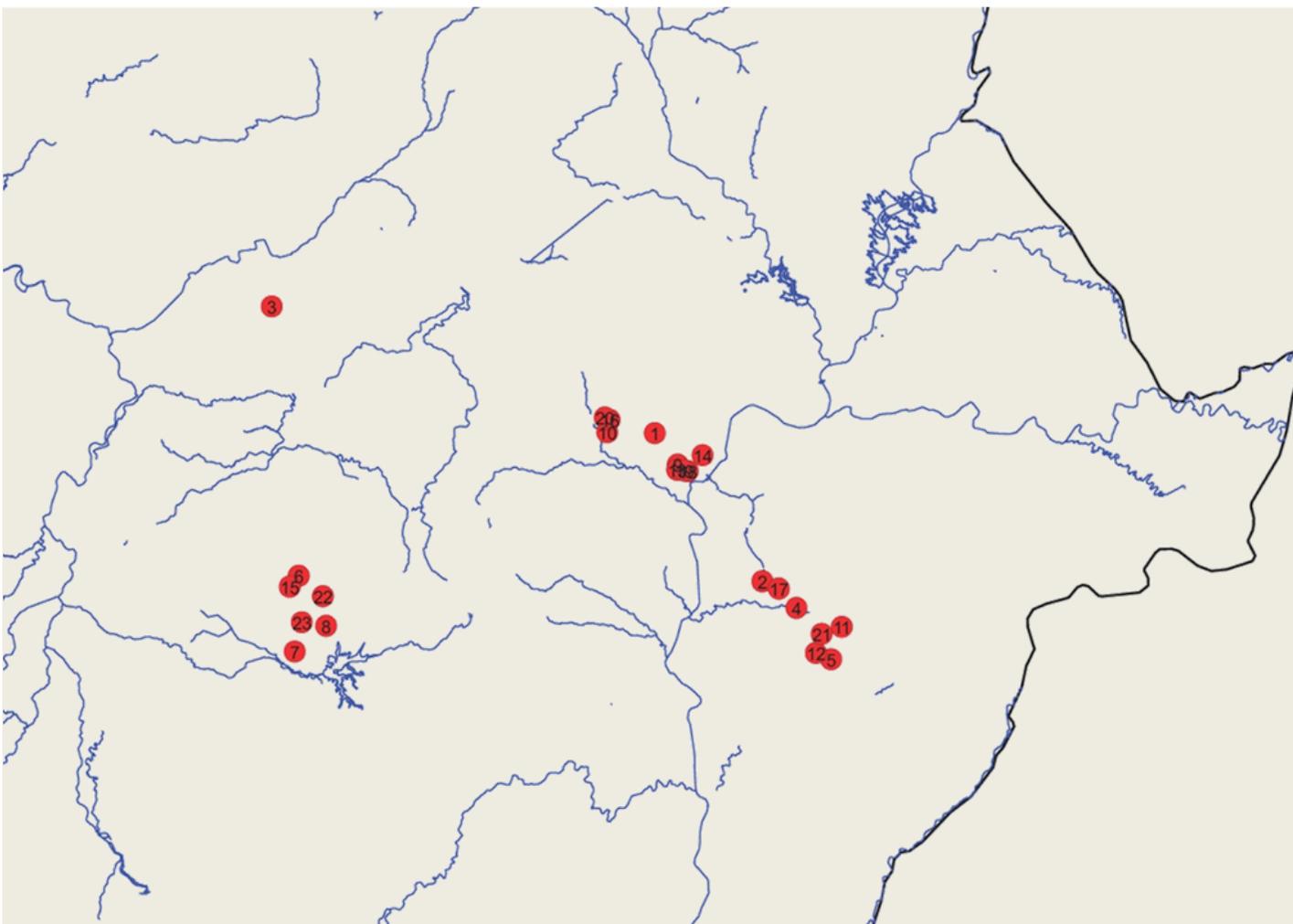


Fig. 7.— Localização das estações em estudo

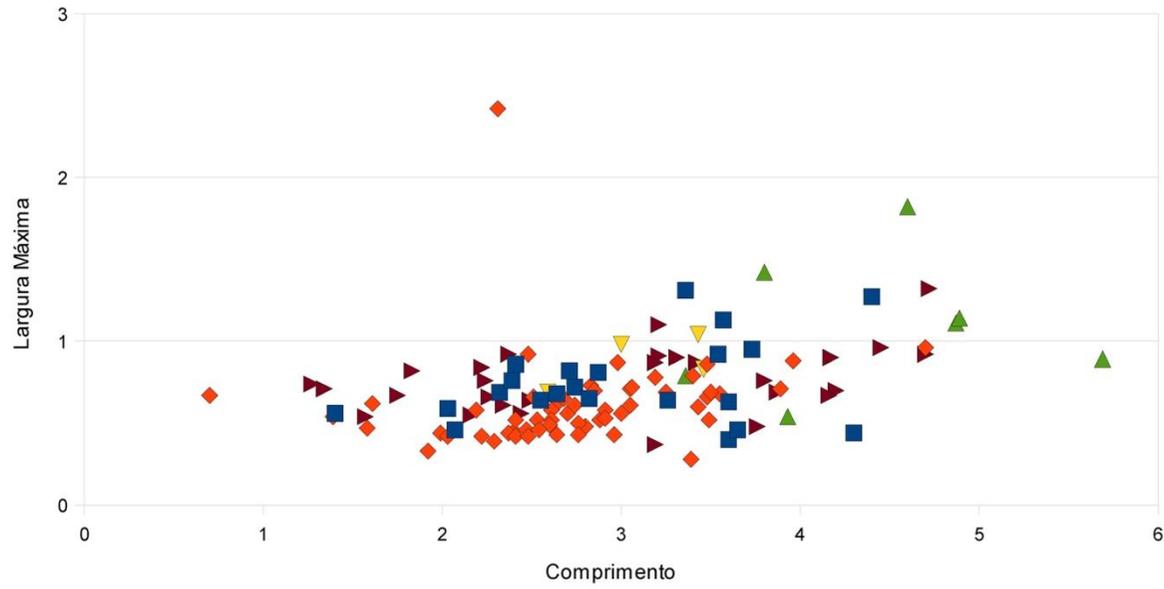
No que diz respeito à associação destas estruturas com estruturas de outra morfologia em Montinhos 6 é de salientar que, no caso das estruturas isoladas, surge a associação de uma estrutura em “osso” cortada por uma estrutura tipo “fossa”, que apresentava um conjunto artefactual articulável com o Calcolítico.

nº no Mapa	Estação	Estruturas	Referência Bibliográfica
1	Barranco da Ordem 1	1	Baptista <i>et al.</i> em prep. c
2	Corte do Poço 1	2	Baptista e Gomes 2010b
3	Cortes Pequenas 1	3	Baptista <i>et al.</i> 2013
4	Escalfa-Cães 1	1	Baptista <i>et al.</i> 2010
5	Folha da Vereda 1	1	Cunha <i>et al.</i> 2010a
6	Formaguda	1	Pinheiro e Gomes 2012
7	Godinhos	1	Baptista <i>et al.</i> 2012a
8	Herdade do Pomar	1	Baptista <i>et al.</i> 2012b
9	Horta da Passareira	1	Baptista e Gomes 2013
10	Horta do João Lopes	1	Baptista <i>et al.</i> em prep. ; Figueiredo 2012
11	Malhada do Carrapatelo 1	1	Cunha <i>et al.</i> 2010b
12	Monte da Laje	2	Baptista e Gomes 2010a
13	Monte das Aldeias	23	Baptista <i>et al.</i> 2012
14	Monte das Barradas 1	2	Baptista <i>et al.</i> em prep.
15	Monte do Outeirinho Novo	1	Baptista <i>et al.</i> 2012c
16	Monte Malheiro 2	1	Baptista <i>et al.</i> em prep. a
17	Montinhos 6	57	Baptista e Gomes 2011
18	Poço Novo 1	2	Baptista <i>et al.</i> em prep. a
19	Poço Novo 2	3	Baptista <i>et al.</i> em prep. b
20	Ribeira de Alcaria 3	1	Baptista <i>et al.</i> em prep. b
21	Santo Estêvão 1	4	Baptista e Gomes 2012b
22	Vale Frio 2	7	Baptista <i>et al.</i> em prep.
23	Varandas 2	1	Baptista e Gomes em prep.

Tabela 2.– Estações pré-históricas onde ocorrem estruturas de planta em “osso” e sub-retangulares alongadas intervencionados pela equipa da Arqueologia & Património Lda., no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Brinches-Enxoé e de Ervidel e dos Circuitos Hidráulicos de Pedrógão e de Vale do Gaio (Fase de Obra) (ver fig. 7)

No caso da concentração, verificou-se que algumas das estruturas se encontravam cortadas por hipogeus da Idade do Bronze. Esta relação é importante por duas razões: por um lado, sugere-nos uma datação relativa das estruturas que parecem, então, remontar ao Calcolítico; por outro lado, sugere-nos tam-

1



2

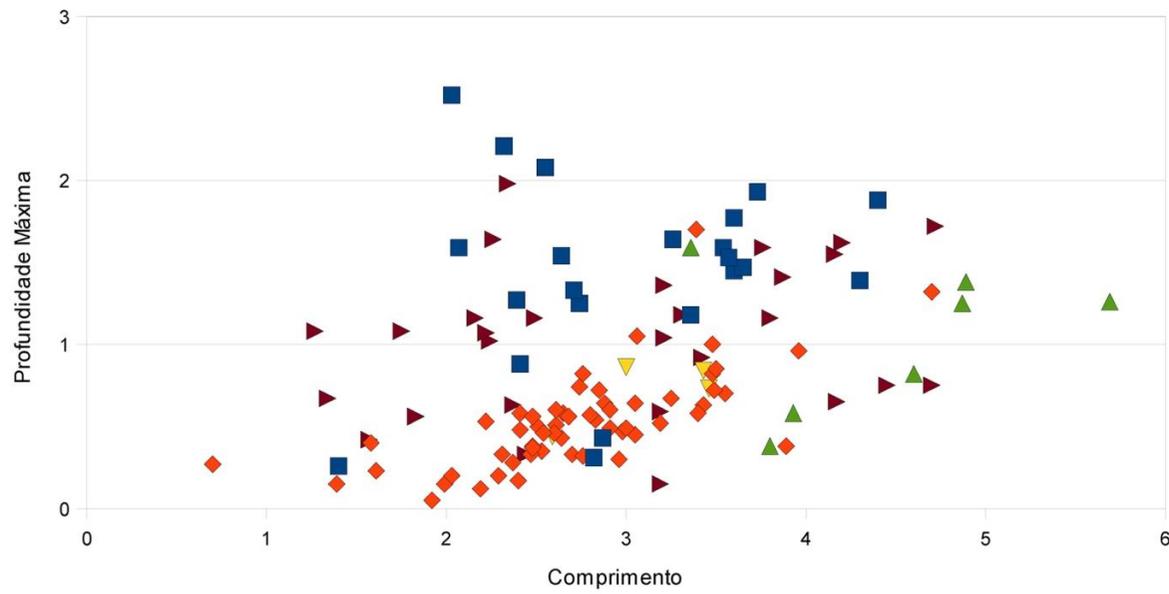
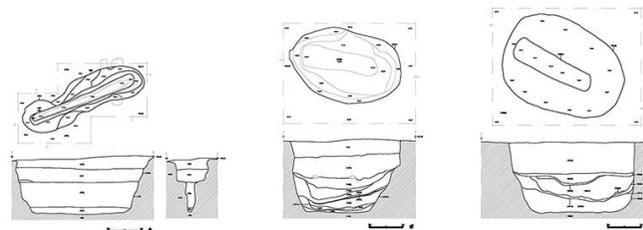
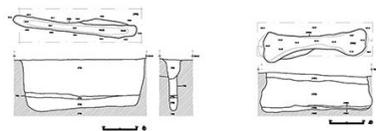


Fig. 8. — Gráficos de relação entre comprimento/largura máxima e comprimento/profundidade máxima

U - U

U - Y



W - U

W - Y

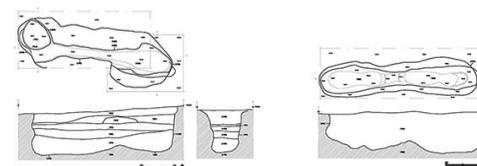
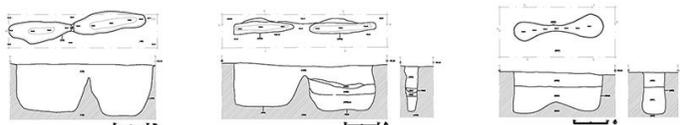


Fig. 9.— Planta e perfil de algumas das estruturas em análise

bém que a marcação do espaço que a sua construção comporta foi, num período posterior, reconfigurada com a construção de estruturas de morfologia distinta.

2. VARIABILIDADE MORFOLÓGICA E DOS ENCHIMENTOS DAS ESTRUTURAS

O estudo apresentado neste ponto foi feito com base em 118 estruturas identificadas em 23 sítios intervencionados pela equipa da *Arqueologia & Património Lda.*, no âmbito dos trabalhos de minimização de impactes decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Brinches-Enxoé e de Ervidel e dos Circuitos Hidráulicos de Pedrógão e de Vale do Gaio (Fase de Obra) (Fig. 7 e Tabela 2). O inquérito desenvolvido teve dois objetivos: caracterizar morfologicamente as estruturas, tendo-se procedido à análise das dimensões, da orientação e dos perfis das estruturas; descrever as sequências de enchimento identificadas, tendo-se sistematizado o número de depósitos que as estruturas apresentam, os conjuntos artefactuais que surgem associados a esses enchimentos e o tipo de níveis de enchimento registados.

Do ponto de vista das dimensões, da morfologia e da orientação das estruturas é de salientar o seguinte:

- a) o comprimento apresenta um intervalo compreendido entre 0,7 m e 5,69 m;
- b) a largura máxima oscila entre 0,28 m e 2,42 m;
- c) a profundidade máxima apresenta valores entre 0,05 e 2,52;
- d) de modo geral, quanto maior é o comprimento das estruturas, maior é a sua largura e profundidade (Fig. 8); porém, é de salientar que, na relação entre o comprimento e a largura, tal proporcionalidade entre as dimensões não é tão linear, existindo em vários casos um aumento do comprimento que não é acompanhado por um aumento da largura (Fig. 8);

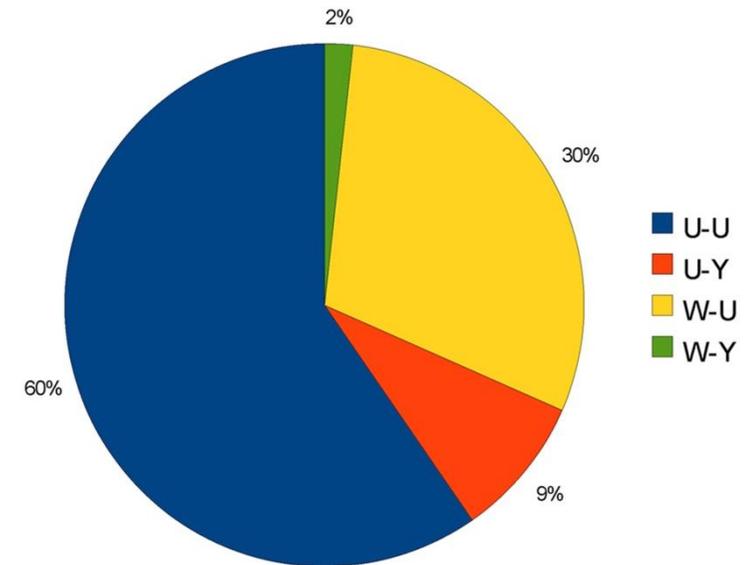
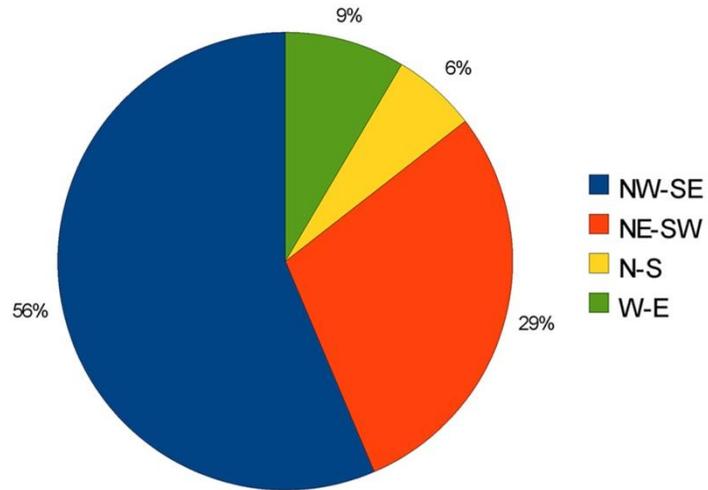
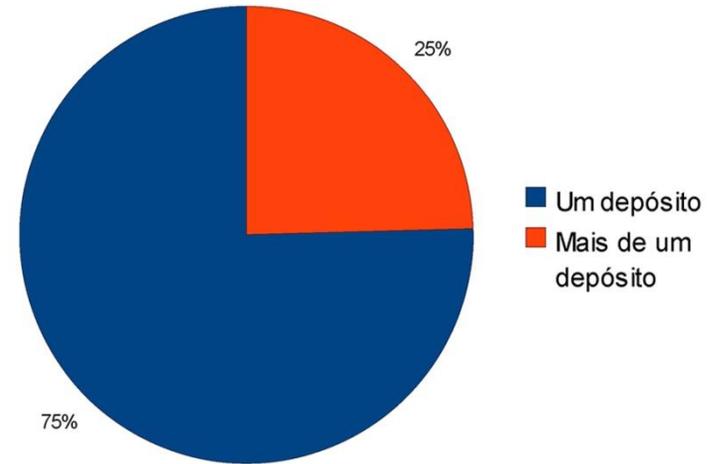


Fig. 10.— Gráfico relativo aos grupos criados a partir dos perfis das estruturas

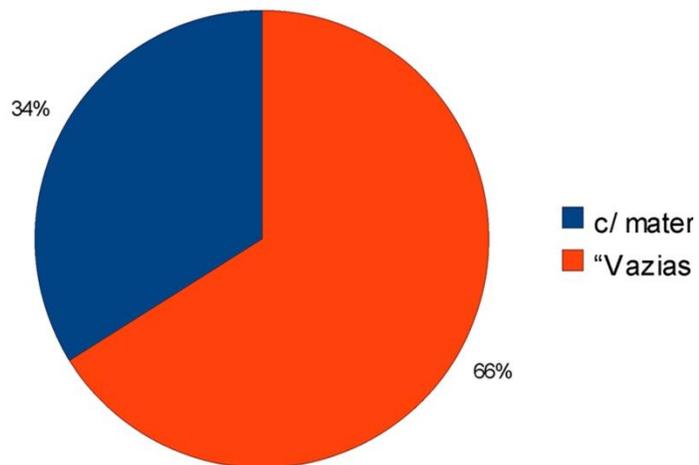
1



2



3



4

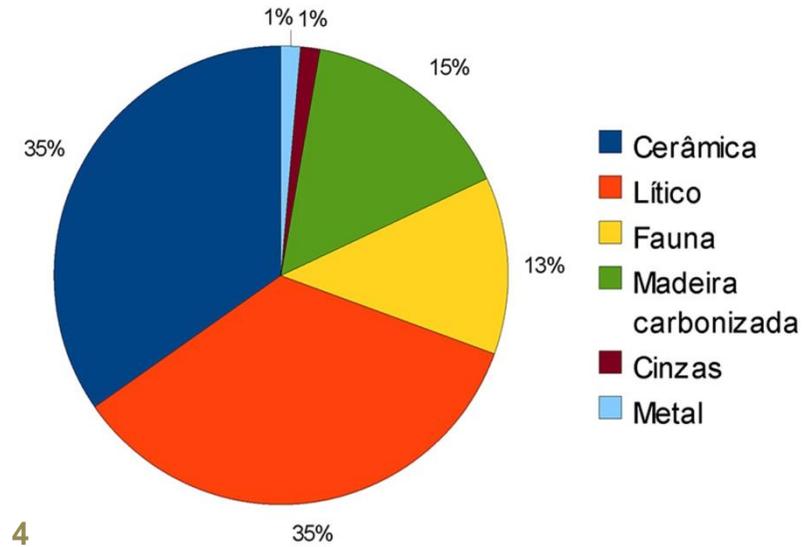


Fig. 11.— Gráficos relativo a 1. orientações das estruturas; 2. número de depósitos de enchimento das estruturas; 3. número de estruturas "vazias" e "com materiais"; 4. categorias artefactuais presentes nos enchimentos das estruturas

e) considerando as variações entre as dimensões enunciadas nas alíneas anteriores, é de referir a existência de casos de estruturas mais alongadas e com áreas de estrangulamento mais acentuadas; estas variações refletem-se em plantas que apresentam diferentes “desvios” relativamente à planta em forma de “osso”, podendo, por vezes, aproximarem-se a plantas que, em vez de apresentarem módulos de planta sub-circular/oval, apresentam uma articulação entre módulos de planta sub-retangular (Fig. 9);

f) a variabilidade das plantas surge associada com a variabilidade dos perfis das estruturas, que podem ser sistematizados em perfis em forma de U, Y e W (Fig. 9);

g) considerando articuladamente os perfis do eixo maior e menor, podemos definir os seguintes grupos: estruturas de perfis em U-U, U-Y, W-U e W-Y; as estruturas de perfil em U-U são as mais frequentes (Fig. 10);

h) as estruturas apresentam as seguintes orientações: NO-SE, NE-SO, N-S e E-O; a orientação NO-SE é a mais frequente, estando esta frequência mais elevada em associação aos casos em que as estruturas ocorrem concentradas (Fig. 11.1).

Analisando as sequências de enchimento das estruturas, há dois aspetos a salientar: 75% dos enchimentos corresponde a um único depósito (Fig. 11.2) e grande parte dos enchimentos (66%) não apresenta componente artefactual (Fig. 11.3). Os fragmentos de recipientes cerâmicos e os fragmentos de elementos líticos são as ocorrências artefactuais mais frequentes (Fig. 11.4); tratando-se de elementos que ocorrem aleatoriamente no enchimento das estruturas. Por sua vez, a fauna (Figs. 12 e 14) e a madeira carbonizada (Figs. 12, 13 e 15), embora não sejam tão frequentes, ocorrem em contextos bem formalizados, isto é, em níveis horizontais, cuja ocorrência sugere práticas de enchimento. Acresce referir que, para além destes casos, existem estruturas que apresentam níveis de buracos de poste (Figs. 13 e 15).

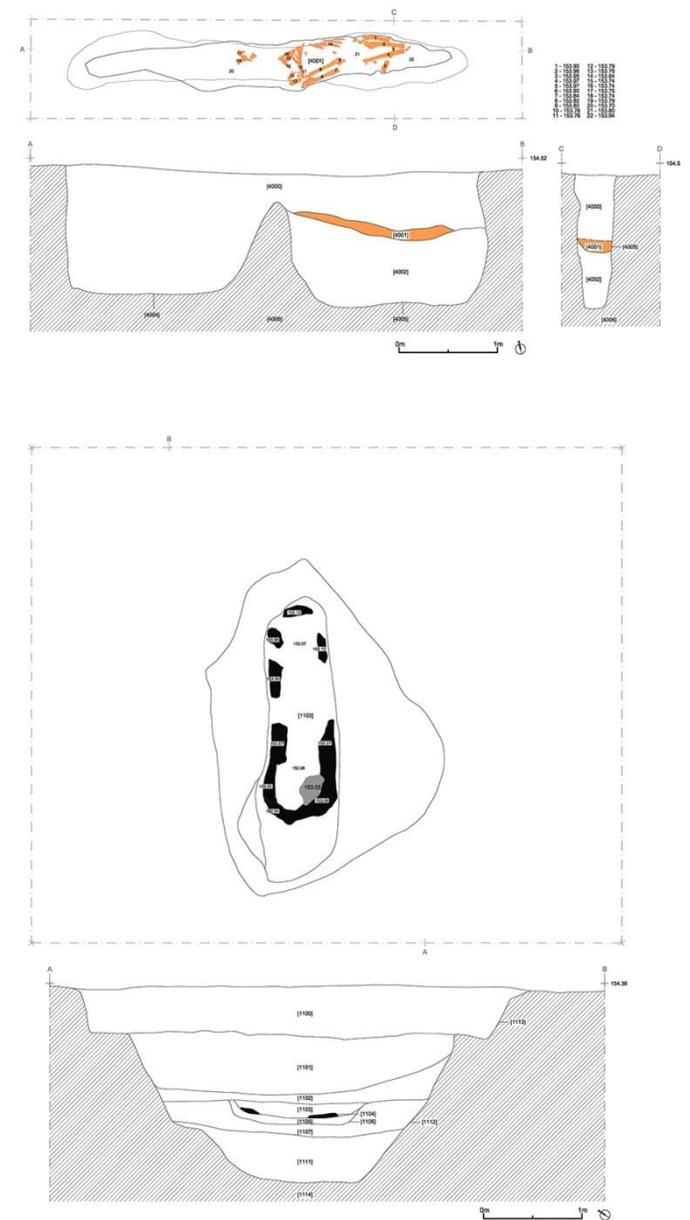


Fig. 12.— Planos e secções de duas estruturas que apresentam depósitos de fauna e madeira carbonizada

A propósito da variabilidade de contextos que foram identificados no enchimento destas estruturas, é de referir o caso do Monte das Aldeias por constituir um bom exemplo dessa diversidade. Categorizando o tipo de enchimento das 23 estruturas intervencionadas, podemos considerar a existência dos seguintes grupos:

Grupo A: estruturas “vazias”.

Grupo B: estruturas com concentrações de blocos pétreos e concentrações de carvões.

Grupo C: estruturas com buracos de poste, concentrações de madeira carbonizada e elementos faunísticos (Figs. 12, 13 e 15).

Grupo D: níveis de deposição de fauna (Figs. 12 e 14).

Grupo E: ocorrência de elementos artefactuais (cerâmica e/ou líticos), carvões e fauna disseminados nos depósitos de enchimento.

Apesar das suas especificidades, como é exemplo o reduzido número de estruturas vazias (Fig. 16) quando comparada com o restante grupo (Figura 11.2), as estruturas de Monte das Aldeias apresentam enchimentos em que os artefactos, ou outros elementos, ocorrem, aparentemente, de um modo aleatório nos depósitos (Grupos B e E), como em níveis que apresentam uma formalização que indiciam, por um lado, uma “intencionalidade de deposição” de elementos faunísticos no interior da estrutura (Grupo D) e, por outro lado, que remetem para a existência de construções percíveis no seu interior (Grupo C). Neste último caso, estamos, então, perante uma estrutura em negativo que se articula com uma construção em madeira. A este propósito, refira-se que as estruturas que apresentam níveis com buracos de poste apresentam um perfil transversal em Y, sendo provável que esta relação decorra das especificidades arquitetónicas da eventual estrutura em materiais percíveis associada aos buracos de poste.

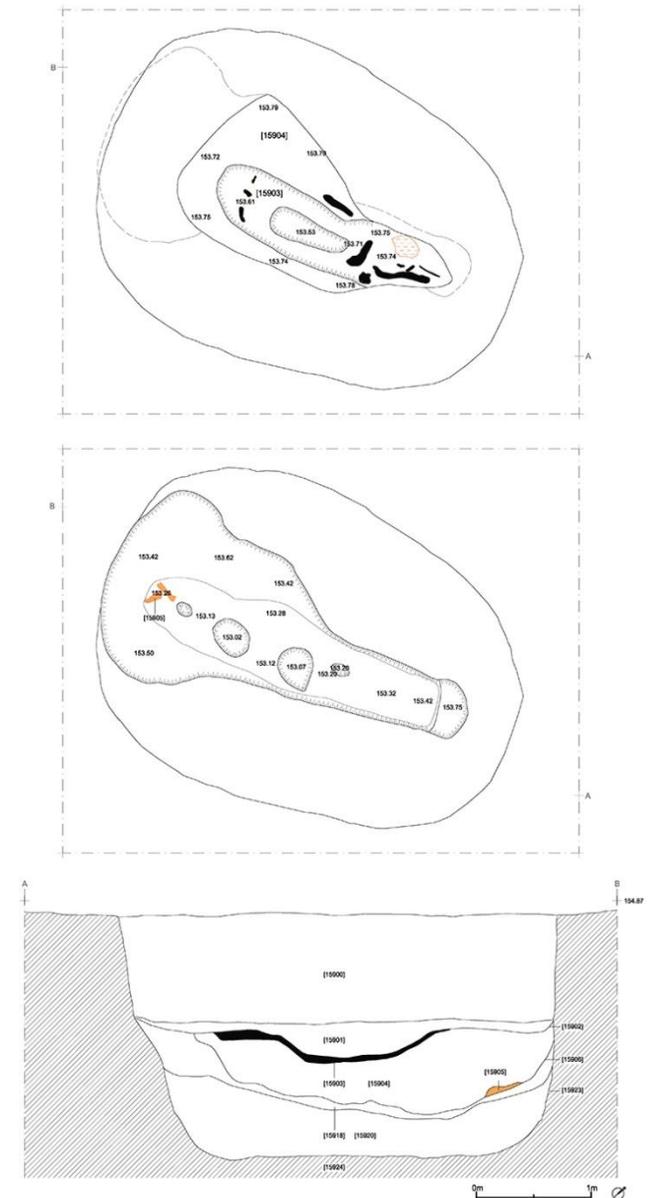


Fig. 13.— Planos e secção de uma estrutura que apresenta depósitos de fauna e madeira carbonizada

3. NOTA FINAL

O estudo aqui apresentado teve como objetivo trazer à discussão um “tipo” de estruturas em negativo que começa a parecer recorrente em várias estações da Pré-história recente do interior alentejano. Como vimos, estas estruturas tanto podem ocorrer isoladas como em grupos que parecem atuar como modo de delimitação de uma unidade espacial. De um ponto de vista morfológico, trata-se de uma forma composta por dois módulos de planta oval articulados por uma área de planta sub-retangular. Apesar de uma certa regularidade morfológica, as estruturas apresentam dimensões e índices de alongamento distintos, que se refletem na planta mais ou menos sub-circular dos módulos; esta variabilidade também está presente nos perfis das estruturas, que podem ser em U, W e Y. No que diz respeito ao seus enchimentos, existe uma elevada percentagem de estruturas “vazias”, porém ocorrem casos que a sequência apresenta uma maior complexidade. A este propósito, é de referir a existência de exemplos em que ocorrem depósitos faunísticos e níveis de buracos de poste.

Considerando o modo como ocorrem estas estruturas, isoladas ou em concentrações, e as sequências de enchimento que apresentam, podemos pensar que as estruturas estão articuladas com uma prática de arquitetura que permite acionar uma ligação entre distintos sistemas de atividades. Porém, no estado atual do estudo, não nos é possível avançar na colocação de hipóteses acerca do modo como estas estruturas ligariam tais atividades. A este propósito, refira-se que um inquérito dirigido à “função” de estruturas semelhantes em França (Champagne e Normandie) datadas do Neolítico até à Idade do Bronze permitiu a sua associação a atividades de caça, a um sistema técnico relacionado com o tratamento de peles e tecidos, ao armazenamento de bens e a cenários rituais votivos (Achard-Corompt *et al.* 2011). Porém, as estruturas do interior alentejano analisadas revelam-se fundamentalmente “vazias” inviabilizando, deste modo, a construção do grupo de cenários avançado para as estruturas da



Fig. 14.— Monte da Aldeias – depósito de fauna, foto exemplo

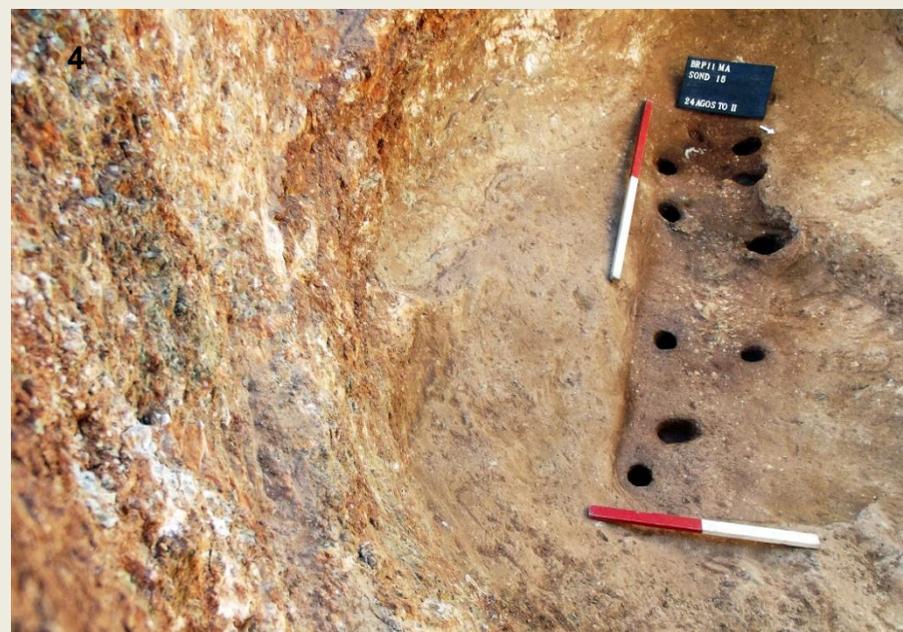


Fig. 15.— Monte das Aldeias. 1 e 2. Níveis de madeira carbonizada; 3 e 4. Níveis de buracos de poste, fotos exemplo

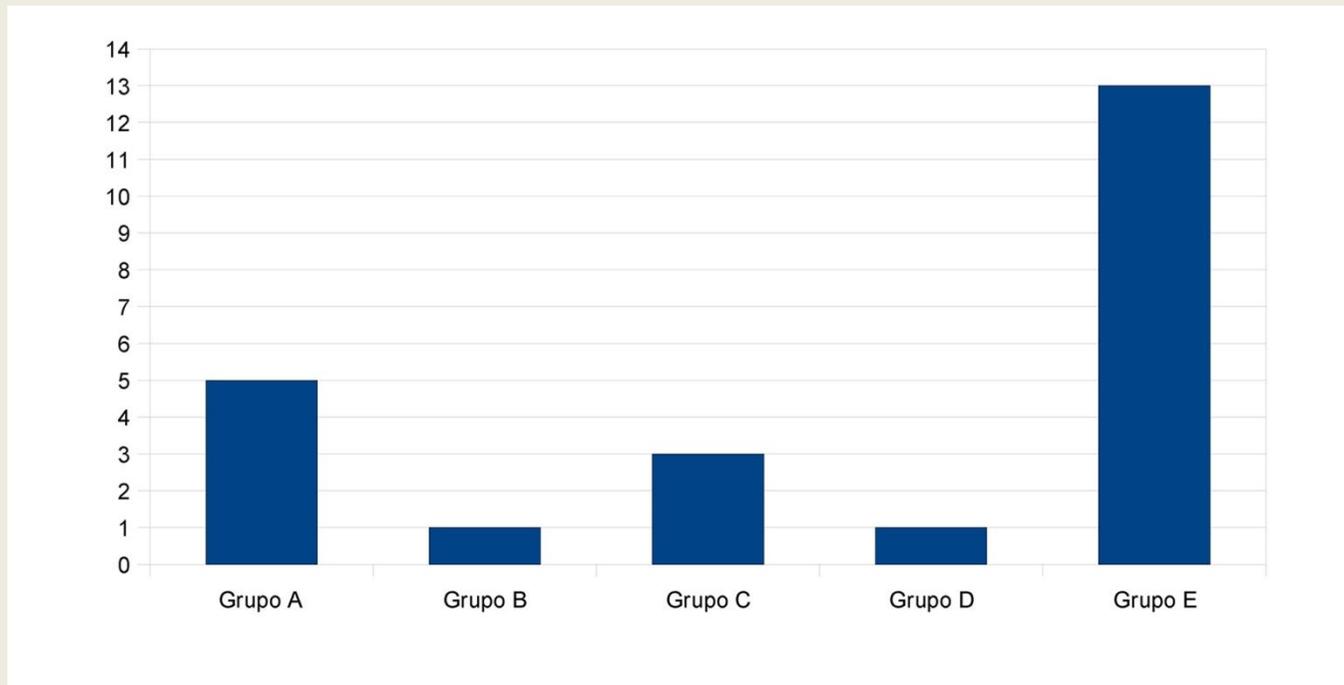


Fig. 16.— Gráfico relativo ao tipo de enchimentos

região de Champagne e Normandie. Nos casos em que ocorrem depósitos faunísticos ou níveis de buracos de poste, o atual estado de análise destes componentes (fauna e madeira) não permitem a sua correlação com as possibilidades interpretativas avançadas pelos colegas franceses.

Para além das diferenças decorrentes do tipo de enchimento e do tipo de estudos que foram realizados, é de salientar que os colegas franceses (Ibidem), nos exemplos que discutem, não identificaram concentrações como as de Montinhos 6 e Santo Estevão 1. Neste sentido, estas concentrações ordenadas sugerem-nos também a necessidade de um inquérito onde a problematização,

não ignorando as questões relacionadas com a funcionalidade das estruturas, ensaie o seu cruzamento com as tradições arquitetónicas, as dinâmicas de delimitação do espaço e as práticas de territorialização das comunidades pré-históricas. Com efeito, as concentrações de estruturas de Montinhos 6 e Santo Estêvão 1 parecem sugerir um modo distinto de organização do movimento daquela que é sugerida, por exemplo, pelos recintos de fossos. Estas estruturas podem, assim, constituir mais um elemento a considerar no estudo da complexa dinâmica de construção da paisagem da Pré-história recente do interior alentejano.

Agradecimentos: a Sandrine Fernandes e Hugo Baptista pelo apoio durante o trabalho de inventário das estações; ao Rodry Mendonça (desenhos e SIG).

BIBLIOGRAFIA

- ACHARD-COROMPT, N. *et al.* (2011): “Les fosses à profil « en V-Y-W »/Schlitzgruben: retour sur une énigme”. *Le Néolithique du Nord de la France dans son contexte européen: habitat et économie aux 4^e et 3^e millénaires avant notre ère. Actes du 29^e colloque interrégional sur le Néolithique. Revue Archeologique de Picardie, n° spécial 28*. Dijon: 549-558.
- ALVES, C., PORFÍRIO, E. e ESTRELA, S. (2009): *Alto de Brinches 3. Relatório Final. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Reservatório Serpa - Norte (Serpa)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., CUNHA, L. e GOMES, S. (2010): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Escalfa-Cães 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M. e GOMES, S. (em prep. a): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Poço Novo 1. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M. e GOMES, S. (em prep. b): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Poço Novo 2. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M. e GOMES, S. (em prep. c): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Barranco da Ordem 1. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M., GOMES, S. e COUTO, R. (em prep.): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Horta do João Lopes. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., FIGUEIREDO, M., GOMES, S. e TOMÉ, J. (em prep.): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte das Barradas 1. Relatório Final*. Beja.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010a): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Monte da Laje*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.

- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010b): *Adutor Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Corte do Poço 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2011): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Montinhos 6*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012a): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches-Enxoé – Fase de Obra. Relatório Final Global*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2012b): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Santo Estêvão 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2013): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão. Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Horta da Passareira*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (em prep.): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Varandas 2. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e COUTO, R. (em prep. a): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte do Malheiro 2. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e COUTO, R. (em prep. b): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Ribeira de Alcaria 3. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., GOMES, S., FERNANDES, S. e PINHEIRO, R. (em prep.): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Vale Frio 2. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e MATA, V. (2012): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico de Pedrógão - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte das Aldeias. Relatório Final*.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e TOMÉ, J. (2013): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Circuito Hidráulico do Vale do Gaio. Fase de Obra. Intervenção Arqueológica. Cortes Pequenas 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.

- BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e GOMES, S. (2012a): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Godinhos. Relatório Final*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e GOMES, S. (2012b): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Herdade do Pomar. Relatório Final*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e GOMES, S. (2012c): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Monte do Outeirinho Novo. Relatório Final*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., PINHEIRO, R. e RODRIGUES, Z. (2012): “Espacialidades dos cadáveres em Montinhos 6: contributos para uma compreensão das práticas funerárias da Idade do Bronze no Sudoeste Peninsular”, *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 149-170.
- BORGES, S., MATEOS, R.S., PEREIRA, J. A. e SILVA, B. (2012): “Monte do Bolor 3 - São Brissos, Beja: Resultados Preliminares”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 113-131.
- CALVO, E. (2011a): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Horta do Lameiral 4*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CALVO, E. (2011b): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte de Cortes 2*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CALVO, E. (2011c): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte da Magoita 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CUNHA, L., BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010a): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Folha da Vereda 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- CUNHA, L., BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010b): *Bloco de Rega de Brinches-Enxoé. Intervenção Arqueológica em Malhada do Carrapatelo 1*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.

- FERREIRA, A., BRAZUNA, S. e NUNES, T. (2009): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Orada – Amoreira (fase prévia à obra) Quinta do João Privado)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FIGUEIREDO, M. (2012): *Horta de João Lopes. Núcleo A. Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção do Circuito Hidráulico de Pedrogão (Vidigueira)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FILIFE, V. (2011a): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Gato de Cima)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FILIFE, V. (2011b): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte Gato de Cima 3)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FILIFE, V. (2011c): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte Velho 1 – 1.ª Fase)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FILIFE, V. (2011d): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Ourém 7)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MIGUEL, L. (2011a): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Ribeira de São Domingos 1)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MIGUEL, L. (2011b): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Zambujeira 1)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MIGUEL, L. (2011c): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Várzea de Cima 2 – 1.ª Fase)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MIGUEL, L. (2011d): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte Novo 1)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MIGUEL, L. (2011e): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Monte Novo 2)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- MORO BERRAQUERO, F.J. (2011): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Ribeira de Pias 2)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.

- PIEADADE, M. (2009): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Serpa (Fase de obra) Monte das Arouchas, Santa Maria, Serpa)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- PINHEIRO, R. e GOMES, S. (2012): *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel - Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Formaguda. Relatório Final)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- PONTE, T.R.N. (2009): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Serpa (Fase de obra) Estacarias, Santa Maria, Serpa)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- RIBEIRO, A (2011): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Outeiro Alto 2 – 1.ª Fase)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- RIBEIRO, S. (2009a): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Serpa (Fase de obra) Fonte da Baina 1, Santa Maria, Serpa)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- RIBEIRO, S. (2009b): *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Serpa (Fase de obra) Fonte da Baina 5, Santa Maria, Serpa)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- SANTOS, H. (2011a): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Horta dos Quarteirões 1)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- SANTOS, H. (2011b): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Magoita)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.
- SANTOS, H. (2011c): *Minimização de impactes sobre o Património Cultural decorrentes da implementação do Bloco de Rega de Brinches– (fase de obra) Covas 1)*, (Relatório Inédito. IGESPAR). Lisboa.